

A longa espera por uma simples dose de vacina

Nos postos de saúde da região de **Presidente Prudente**, mães nervosas disputam lugares, em pé, ou nos acanhados bancos de madeira, aguardando, durante horas, pelos funcionários encarregados de vacinar os seus filhos. Em **Calabu**, apenas três pessoas tentam realizar um atendimento normal, e uma senhora viaja de **Martinópolis** até lá, numa distância de 30 quilômetros, para aplicar a **BCG** intradérmica. Com exceção do posto de **Taciba**, que foi reformado recentemente, os outros, das cidades próximas de **Presidente Prudente**, estão sem a pintura original, com paredes esburacadas e vazamentos nas coberturas e instalações hidráulicas.

O vereador e médico **Vergílio Dalla Ria Neto**, de **S. José do Rio Preto**, assegura que "há uma fiscalização rigorosa quando são solicitados alvarás para o funcionamento de bares, restaurantes, padarias e semelhantes", mas depois nada mais se faz, a menos que a população formule denúncias contra a falta de higiene. **Norival Cabrera**, prefeito de **General Salgado**, afirma que na sua cidade o posto de saúde apenas distribui medicamentos e leite em pó e atende as crianças nos casos de doenças comuns, sem existir qualquer serviço de prevenção. Quanto aos bares, usam livremente xícaras e copos trincados e mal lavados.

Para o médico-chefe do Distrito Sanitário de **S. Sebastião**, **Carlos Pereira da Silva**, responsável pelos setores do litoral Norte paulista, as condições de trabalho são precárias e ele se locomove exclusivamente de ônibus, de uma cidade para outra. Motivo: o centro de saúde de **Caraguatatuba** possui motorista, mas não tem viatura, e no de **S. Sebastião** há um velho carro, mas o motorista está licenciado há dois anos.

Os problemas da **Baixada Santista** podem ser resumidos em motoristas despreparados, serventes que aplicam vacinas com erros graves, falta de combustível para os veículos oficiais e filas de pessoas aguardando por um atendimento nem sempre adequado. No início de fevereiro, um pediatra de **Santos**

constatou em seu consultório particular que o funcionário de um centro de saúde anotara, com sete meses de atraso, a data para um reforço de vacina contra o sarampo, a ser aplicada em uma criança. Houve também o caso da servente que recomendou vacinas triplices (tétano, difteria e coqueluche) para um menor com mais de quatro anos, o que poderia ter sido fatal. Segundo os médicos, a imunização contra a coqueluche, naquela idade, é capaz de provocar conseqüências neurológicas. O erro, porém, chegou a ser evitado. As mães santistas denunciam que o funcionalismo não cumpre a jornada diária integral. A falta de empregos na região leva as pessoas de nível universitário a aceitar modestas funções de visitantes sanitários. Em **Santos** e municípios próximos, existe excesso de serviço no atendimento ao público enquanto na parte burocrática as servidões são vistas lendo revistas de fotonovelas ou fazendo crochê.

Em todos os setores da **Baixada Santista** são comuns os abusos tantas vezes criticados, como proteção política, concessão de atestados médicos gratuitos que possibilitam licenças intermináveis de funcionários e dificuldades para as chefias punirem abusos. Ganhando apenas **Cr\$ 8 mil** por mês, fiscais sanitários inescrupulosos tentam aumentar os seus ganhos, fazendo ameaças a comerciantes, exigindo de cada um deles cerca de **Cr\$ 10 mil**, para não aplicarem multas bem maiores, quando constata falta de vestuário adequado dos empregados ou necessidade de reforma nas instalações de firmas que vendem alimentos.

Nos postos de saúde mantidos pelo município da **Baixada Santista**, o atendimento também não é bom e se limita ao que popularmente se denominou de "removeterapia". Os doentes são transportados para os hospitais e, a fim de não se caracterizar possível omissão de socorro, recebem uma aplicação de merthiolate ou um soro sem contra-indicação.